

DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n47.7296>

## Comunicação, circulação e velocidade: o tempo da informação na mídia e da ciência

*Communication, circulation and speed: time of information in media and in science*

Wedencley Alves<sup>a</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3411-727X>

Carlos Pernisa Júnior<sup>b</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5003-0094>

Recebido em: 25/08/2020. Aprovado em: 23/09/2020.

### Resumo

O artigo tem como objetivo discutir a relação entre comunicação, circulação e velocidade e seus efeitos sobre a relação entre jornalismo e comunicação científica num cenário de emergência sanitária como a da pandemia de Covid-19. Para isso, com aportes dos Estudos de Comunicação e da Análise do Discurso, partimos de um estudo de caso restrito: a publicação de notícias no portal jornalístico Folha/Uol, baseadas em informações extraídas total ou parcialmente da plataforma *Medrxiv*, que divulga artigos científicos ainda sem revisão por pares e é considerada a principal da área médica.

Palavras-chave: Jornalismo. Circulação. Velocidade. Ciência. Pandemia.

### Abstract

The article aims to discuss the relationship between communication, circulation and speed and its effects on the relationship between journalism and scientific communication in a health emergency scenario such as that of the Covid-19 pandemic. For that, with contributions from Communication Studies and Discourse Analysis, we started from a restricted case study: the publication of news on the journalistic portal Folha / Uol, based on information extracted totally or partially from the *Medrxiv* platform, which publishes scientific articles yet without peer review and is considered the main one in the medical field.

Keywords: Journalism. Circulation. Speed. Science. Pandemics.

## 1 Introdução

Em tempos de pandemia de Covid-19, a circulação de pessoas, informações e mercadorias, aparece como um problema a ser enfrentado tanto na vida cotidiana quanto pelos pesquisadores do campo social que se debruçam sobre os impactos políticos, econômicos e culturais da crise sanitária que marcou o ano de 2020. Neste artigo, a questão da circulação será analisada a partir de um ponto de vista muito específico: o modo como a epidemia

<sup>a</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [wedencley@gmail.com](mailto:wedencley@gmail.com)

<sup>b</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [wendeclay@gmail.com](mailto:wendeclay@gmail.com)

interferiu radicalmente nas formas de circulação de informações científicas publicadas em veículo jornalísticos.

Com o isolamento social praticado por boa parte das nações, seja total ou parcialmente, o que esteve em jogo foram os problemas que a redução drástica da circulação de pessoas poderia causar, no que concerne tanto às questões subjetivas – o dramático distanciamento social de amigos, familiares, interrupção de relações de convivência e sociabilidade – quanto materiais e/ou objetivas – interrupção do trabalho, da vida escolar, da produção e consumo de bens e serviços. Levando ao debate num contexto de controle da pandemia, o isolamento social seria uma das formas mais eficazes de reduzir os riscos trazidos pela transmissão da doença, segundo autoridades sanitárias internacionais. Nesse cenário, a paralisação da vida presencial em sociedade resultaria em perdas de diversos tipos, mas também ganhos, principalmente de tempo, para se encontrar melhores formas de enfrentamento do vírus.

O impacto social desse isolamento foi imenso, mas considerado necessário para que a doença não avançasse mais. Mas, se, por um lado, a circulação nas ruas foi reduzida, o incremento da circulação de informações midiáticas foi notável. Com isso, a circulação passa a ser então uma das chaves conceituais mais produtivas para se ler a atual condição social planetária frente à crise colocada pelo coronavírus. Na verdade, o que se intenta é observar com mais detalhe o fenômeno da circulação inserido numa sociedade midiática e que faz uso cada vez mais intenso de tecnologias digitais. Isso indica que toda inovação, nesse campo, o da comunicação, tem passado por esses dispositivos tecnológicos e por redes formadas, em sua maioria, por eles; tem alterado modos de circulação (de mensagens, imagens, negócios, contatos interpessoais, trabalho, mercadorias, fluxos financeiros etc); e tem mudado muito particularmente a relação de espaço e tempo, em sociedade.

Em relação a esse último aspecto, pode-se dizer que essa nova forma de convivência social midiática e mediada por computadores e redes digitais aponta para uma relação com a velocidade, que confere àquelas características muito específicas no mundo contemporâneo. Dentro disso avaliaremos um caso bem específico: a publicação de notícias no portal jornalístico Folha/Uol, o mais acessado no Brasil, baseadas em informações extraídas total ou parcialmente da plataforma *Medrxiv*, que divulga artigos científicos ainda sem revisão por pares (conhecidos também como *preprints*) e é considerada a principal da área médica. Eis um exemplo de aceleração da comunicação científica com fortes efeitos sobre o cotidiano das pessoas.

Assim, autores como Virilio, que trata da velocidade; Fausto Neto, Braga e Hjarvard, que tratam de midiatização e circulação; além de clássicos como McLuhan, vão estar presentes nesta discussão sobre fenômenos comunicacionais, associados a questões de viés discursivo.

## 2 Circulação, velocidade e informação jornalística

A circulação está ligada à velocidade. Algo que circula mais depressa ou mais lentamente afeta as pessoas de modos distintos. Quando a velocidade é colocada como o vetor principal da sociedade, como por exemplo Paul Virilio definiu em seu conceito de dromologia, pode ser muito complicado fazer com que o tempo social seja de alguma maneira controlado ou controlável. Assim, Virilio diz que a principal perdedora numa sociedade dromológica é a política, que requer tempo para se fazer presente. A vencedora seria a guerra ou o estado de guerra constante (VIRILIO, 1984).

Quando da pandemia de Covid-19, o que se viu foi uma necessidade de paralisação de uma grande parte das atividades sociais presenciais. As pessoas teriam que ficar em casa, em isolamento, segundo os especialistas em doenças infecciosas. Isso não leva só a uma perturbação da dinâmica de sociedades inteiras; leva também a uma sensação de impotência, de que não há mais aquela velocidade anterior. Não se deslocar passa a ser encarado por inúmeras pessoas como não viver.

Só que, no contexto da comunicação, principalmente naquela pensada como processo, as atividades aumentaram muito, no caso das mediadas por computadores e redes digitais. Isoladas, as pessoas recorrem aos dispositivos tecnológicos para entrarem em contato umas com as outras, para saberem sobre notícias e informações do que se passa no mundo e para obterem também acesso à cultura e entretenimento. Com boa parte do mundo “das ruas” paralisado, o que nelas circulava foi para as redes, principalmente; daí os fenômenos contemporâneos das *lives* e o das pessoas idosas cada vez mais ativas nas redes, destacadamente, nas sociais digitais ou em aplicativos de mensagens, tais como o WhatsApp. O comércio migrou em parte para o *online*, e mesmo outras atividades se adaptaram ao ciberespaço, como a própria política, parte da medicina — que aparece muitas vezes como telemedicina, com atendimentos por aplicativos — e educação, para ficar em alguns exemplos.

Essa nova ambiência digital de circulação, muito distinta daquela presencial e que também se apresenta com uma velocidade notadamente grande, faz com que se tenha que

repensar o que se passa hoje em sociedade e como as atividades humanas sofreram alterações que podem ser determinantes de novos modos de vida, numa inovação que parece ter sido antecipada pela pandemia. Possivelmente, vários projetos que seriam implementados em alguns anos ou décadas foram antecipados para que as pessoas pudessem passar com algum êxito, por este período de menor circulação e mais dificuldades práticas causadas pelo isolamento social. A pandemia, que teve início no final do ano de 2019, com os primeiros casos confirmados na China, em Wuhan, rapidamente se alastrou pelo planeta. Trata-se de um fenômeno claro de aumento de circulação que traz consigo seus efeitos. Como as pessoas viajam mais e para lugares os mais diversos, há uma maior possibilidade de transmissão internacional de vírus. A velocidade das viagens também deveria ser levada em conta, pois isso determina a aceleração de casos de doenças pelo mundo.

No momento, a ideia é tentar observar que a circulação determinou o avanço da doença e também o seu enfrentamento, com paralisação das pessoas e de suas atividades.

Nesse momento, impõe-se o fenômeno nomeado por alguns autores como “mídiação”. Considera-se nesse texto que, para discutir a comunicação em sua relação com a pandemia de Covid-19, é importante refletir sobre os processos de mídiação. Com as redes digitais, houve uma grande mudança no cenário comunicacional, com a produção e a circulação de conteúdos jornalísticos se dando de maneiras diferentes da época anterior. Mesmo que o fenômeno da mídiação, estudado de modos diversos por teóricos como Hjarvard (2012), Fausto Neto (2009, 2010) ou Braga (2012), seja visto ainda no contexto da comunicação de massa, alterações importantes vão acontecer após a crescente disseminação das redes, que Hjarvard vai destacar como sendo os “meios de comunicação interativos” (2012, p. 53).

Fausto Neto lembra que “problemáticas vão sendo eleitas na medida em que se complexifica o regime de funcionamento da mídia, particularmente suas estratégias e táticas voltadas para a produção de significados, para definição de públicos fidelizados” (2009, p. 3). Essa nova postura vai ser mais destacada quando a comunicação massiva começa a ter o modelo em rede, digital ou interativo como concorrente. Ou seja, há um elemento tecnológico em questão, que pode nem ser o determinante, mas que acaba por influenciar todo o quadro.

Uma tecnologia sempre passa pelo “crivo social” antes de ser difundida. Esse “crivo social”, no entanto, como visto, pode alterar toda a sua função inicial. Os estudos de comunicação devem observar os meios como elementos de um processo, que inclui todas as suas dimensões, da emissão à circulação. Esse ponto também é ressaltado quando se examina

como se deu a midiatização da sociedade. Não se trata de um movimento em que os meios de comunicação começaram a atuar de maneira determinante, mas sim de como esses meios foram trabalhados no interior dessa sociedade de modo a se tornarem importantes. Ainda se deve levar em conta que não são exatamente os meios de comunicação que determinam a midiatização, mas muito mais sua lógica.

É preciso verificar, de acordo com Hjarvard (2012, p. 61-62), o alcance dessa “lógica dos meios” ou “lógica da mídia”:

Primeiro, nós aplicamos uma perspectiva *institucional* à mídia e sua interação com a cultura e a sociedade. Isso significa que aplica-se um conjunto de conceitos sociológicos, o que torna possível especificar os elementos que compõem a *lógica da mídia* e analisar melhor a relação entre os meios de comunicação e outras esferas sociais (instituições). Uma perspectiva institucional de nenhuma maneira se opõe a uma consideração da tecnologia, da cultura ou da psicologia, mas, sim, proporciona um quadro no qual a interação entre estes aspectos pode ser estudada. Em segundo lugar, o conceito de midiatização é aplicado exclusivamente à situação *histórica* em que a mídia alcançou *de uma vez* autonomia como instituição social e está interligada de maneira crucial ao funcionamento de outras instituições. Sob essa perspectiva, a midiatização não se refere a todos os processos pelos quais os meios de comunicação exercem influência sobre a sociedade e a cultura. A invenção da imprensa revolucionou a relação das pessoas com a linguagem escrita e teve impactos palpáveis tanto sobre a religião quanto sobre o conhecimento, mas isso não implicou uma midiatização da religião ou do conhecimento (Eisenstein, 1979). Ou seja, aqui nós usamos o conceito para caracterizar *uma determinada fase ou situação* do desenvolvimento global da sociedade e da cultura no qual os meios de comunicação exercem uma influência particularmente predominante em outras instituições sociais (Os grifos são do autor).

No entanto, retomamos aqui a questão da circulação. Fausto Neto (2009, 2010) e Braga (2012) apontam para a complexificação do conceito de circulação e suas relações com a midiatização. Na medida em que a sociedade lida com os meios e, principalmente, com sua lógica, de uma outra maneira, algumas características dessa lógica aparecem sob outros aspectos. Uma delas é o papel anteriormente ocupado pela audiência. Desde que foram propostos, os conceitos de emissor e receptor vêm sendo postos continuamente em xeque. Não que os conceitos não possam ser produtores, mas seus contornos nem sempre são tão claros e surge a importância da circulação neste contexto.

A circulação tem seu espaço redefinido, com a sua importância destacada na mediação entre os dois polos de emissão e recepção. Ela aparece hoje complexificada, não apenas como uma instância de passagem, de intervalo. Há muito o que se observar na circulação e em seus aspectos específicos. Nesse espaço, que Fausto Neto chama “zona de indeterminação”, ocorrem arranjos importantes a serem notados.

Desta perspectiva o conceito de circulação emana da problematização deste intervalo, ou passagem, do ato discursivo de um sujeito a outro, em instância de produção à recepção. Trata-se desta zona de indeterminação criada pela existência e manifestação de um terceiro elemento que vem funcionar como um dispositivo, enquanto espaço gerador de potencialidade. Retira das gramáticas a soberania de suas intenções, pois na medida em que os discursos se contatam, suas intenções de origem perdem força pois estão entregues a dinâmicas que fazem com que produção e recepção não controlem suas intenções e, conseqüentemente, os efeitos que presumem estabelecer sobre outros discursos. A linearidade dá lugar à heterogeneidade (FAUSTO NETO, 2009, p. 6).

Isso faz com que se perceba que, de acordo com seu modo de circular, um material jornalístico assume formas distintas que podem, inclusive, levar à desinformação. A circulação passa a ser levada em conta, e seu funcionamento como “dispositivo” altera a relação de forças entre emissão e recepção. Não há mais a certeza de que a primeira controle a segunda, e a circulação determina outras possibilidades de relação que não estavam previstas pelos dois outros polos. A circulação passa, assim, à condição de terceiro polo.

Situada na “arquitetura comunicacional e seus processos de midiaticização crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste “terceiro pólo”, especialmente o seu trabalho constituinte de novas possibilidades internacionais. A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e é, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, que sua “atividade construcionista” complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento (FAUSTO NETO, 2010, p. 55).

Dito isso, é necessário também rever outras características atuais do processo comunicacional para perceber fenômenos presentes nesse cenário contemporâneo. Uma delas é a possibilidade de se ter inúmeros meios de se obter informações e como essas informações circulam e com que sentido de urgência. A outra, o excesso de informação jornalística e como isso tem um impacto na sociedade. Sem muito tempo para absorver todo esse excesso, os atores sociais podem simplesmente reproduzir ou compartilhar tudo isso sem uma visão crítica, o que colabora com a disseminação de notícias muitas vezes fora de contexto. Junte-se a isso a criação de muitos *sites* ditos jornalísticos que não têm esse papel, mas sim tornam-se espaços de criação de notícias falsas ou deturpadas e são utilizados, principalmente com intenções políticas ou mesmo diversionais.

### 3 Tempo e velocidade, no jornalismo e na ciência: um estudo de caso

Uma das questões mais prementes durante essa epidemia foi em relação aos usos e desusos da informação científica em saúde, principalmente, com a urgência que se estabeleceu com a crise sanitária. Há três aspectos a considerar: as comunicações científicas tiveram que ser aceleradas, graças à necessidade de respostas rápidas à propagação da doença; os relatos jornalísticos dos acontecimentos envolvendo a pandemia e as últimas produções científicas sobre doenças se tornaram extremamente volumosos; a troca de mensagens entre interlocutores não especializados em rede se tornou quase obsessiva.

Desses três aspectos vamos nos deter especificamente na relação da comunicação científica (primeiro aspecto) e nos relatos jornalísticos sobre ela (segundo aspecto), a partir do fenômeno da propagação de notícias elaboradas a contar de publicações conhecidas como *preprints*. Estamos diante, portanto, de aspectos que envolvem comunicação, circulação e velocidade. O material observado foi extraído do maior portal jornalístico brasileiro: o Folha/UOL.

#### 3.1 As plataformas preprints num contexto de urgência sanitária extrema

A pandemia Covid-19, para além dos desafios impostos às autoridades governamentais e sanitárias, à comunidade científica e à população, acentuou a já enorme complexidade da relação entre a prática científica e a comunicação pública de carácter jornalístico. O presente estudo parte da questão do uso extensivo de artigos pré-avaliados e sua ampla divulgação na imprensa em meio à pandemia de Covid-19.

Nesse ínterim, o próprio ritual científico está sendo modificado pela urgência da situação e demandas da imprensa, fazendo com que cada vez mais artigos sejam publicados antes da revisão por pares e estudos de confirmação. Trata-se de um quadro complexo que envolve urgência sanitária, angústia pública, demanda da mídia, ansiedade dos próprios pesquisadores e interesses econômicos e políticos.

Como resultado, temos um cenário comunicacional, discursivo e polêmico, violações do rigor científico e, o mais delicado, disseminação de informações que nem sempre são seguras e que acabarão por gerar falsas esperanças para a população e, por que não, para os profissionais e gestores de saúde. Portanto, não se trata apenas de uma preocupação com as chamadas notícias falsas, que muitas vezes também se aproveitam dessa situação de caos



informativa, mas sim de uma situação de emergência e que tem causado um certo colapso nas próprias práticas de comunicação científica.

A prática de publicar artigos antes da revisão por pares não é nova. Durante três décadas, físicos dedicados à pesquisa de alta energia publicaram suas pré-conclusões em espaços como o Arxiv.org, a plataforma pioneira na web. Outras plataformas seguiram: ChemRxiv, EngrXiv, Figshare, F1000Research, PeerJPreprints, PsyArXiv, SocArXiv e SSRN, entre outras. Incluindo indexação no Google Scholar e no site Open Science Framework (SPINAK, 2019).

Na Biologia, a prática se tornou muito mais comum a partir de 2013, com o surgimento do Biorxiv. Em junho de 2019, surgiria o Medrxiv, para ciências médicas e da saúde (CSH Lab, 2019), justamente aquele enfatizado em nosso estudo.

A adoção de preprints nos campos da biomedicina conta com entusiastas da aceleração da ciência, como forma de pesquisadores receberem feedbacks muito mais rápidos de seus trabalhos, e também de melhorar o acesso à divulgação científica. Já os críticos destacam que os autores também podem se ver envolvidos em polêmicas públicas, sob o risco de minarem a confiança em seu trabalho.

Um intenso debate surgiu em outras áreas entre entusiasmos e suspeitas sobre o que alguns autores chamaram de ciência da velocidade. Hoy (2020), por exemplo, observou que “embora existam várias vantagens claras para servidores de pré-impressão (...) Isso pode ser especialmente problemático para pré-impressões clínicas, visto que esses artigos estão disponíveis para o público em geral”.

### 3.2 Resultados de pesquisa

De janeiro, quando a crise sanitária foi noticiada primeiramente na cidade de Wuhan na China, até 20 de agosto, limite de nosso período de coleta, foram localizados, nos mecanismos de busca do portal Folha/Uol, 29 ocorrências de material noticioso utilizando o Medrxiv como fonte única, compartilhada ou tema de abordagem.

Listamos agora os títulos e passamos a considerações de ordem mais descritiva sobre esse resultado:

1. Estudo da USP analisa eficácia da colchicina contra a Covid-19, e não da hidrocloroquina (19/08);
2. Anti-inflamatórios colchicina aceleram recuperação de pacientes com Covid-19 hospitalizados (17/08);



3. Assintomáticos podem ser 20% de recuperação com Covid-19, diz estudo (14/08);
4. Soro obtido de cavalos podem conter anticorpos superpotentes contra o coronavírus (12/08);
5. Em equilíbrio, sistema imune é arma contra Covid-19 e outras doenças (02/08);
6. Cientistas registram ao vivo a formação de coágulos em vasos sanguíneos de pacientes com Covi-19 (28/07)
7. Pesquisadores indianos vão aplicar vacina BCG em idosos contra coronavirus (17/07);
8. Estudo identifica fatores que contribuíram para a disseminação inicial da Covid-19 (23/06);
9. Covid-19 já tinha se disseminado pelo Brasil quando medidas de contenção foram adotadas (14/06);
10. Fumaça produzida por queima não contém vírus íntegro; presença na poluição não é descartada (26/05);
11. “Lockdown” será inevitável em SP se isolamento não subir nas próximas semanas, indica estudo (12/05);
12. Estudo indica que a maioria das pessoas com Covid-19 desenvolve anticorpos (11/05);
13. Média de idade dos primeiros afetados por Covid-19 no Brasil é menor do que em outros países (05/05);
14. Estudo inglês indica que é o coronavírus que mata os idosos e não as comorbididades (02/05);
15. Conheça os testes para o coronavírus em uso no Brasil e suas limitações (29/04);
16. Só associação a outros sintomas pode indicar se diarreia foi causada pelo coronavírus (25/04);
17. Vacinas para outras doenças não têm efeitos para coronavírus (18/04);
18. É falso que pesquisadores de Harvard concluíram que isolamento pode piorar a situação (17/04);
19. Autores de pesquisa sobre cloroquina no Amazonas recebem ameaças (16/04);
20. Testes para coronavírus: quais são os tipos, as limitações e os gargalos no Brasil? (15/04);
21. Comprometimento cerebral pode ter relação com sintomas clínicos do coronavírus (5/04);
22. Paciente com doença crônica tem expressão aumentada de gene que facilita infecção pelo coronavírus (04/04)
23. Cientistas mapeiam anticorpos contra o novo coronavírus no sangue humano (31/03);

24. Possibilidade de segunda infecção pelo coronavírus é investigada pelos cientistas (24/03);
25. Método que identifica anticorpos contra coronavírus pode ser crucial no combate à doença (22/04)
26. Narração de cena em que a diretora de Saúde de Portugal abre garrafa de água viraliza (20/04);
27. Celular e outras máquinas do dia a dia podem propagar coronavírus (13/03);
28. Novo coronavírus permanece íntegro no ambiente por dias (12/03);
29. Tudo que você precisa saber sobre o novo coronavírus Sars-Cov-2 (22/01).

Nessa coleta, priorizamos apenas os textos noticiosos, excluindo colunas ou artigos importados de veículos internacionais. Alguns desses textos vieram acompanhados de vídeos, o que não é relevante para nosso estudo. Em apenas 38% dos textos (11 matérias), é anunciado ao leitor que os estudos publicados no Medrxiv não passaram por revisão de pares. Em nenhuma das notícias, esse aspecto é ressaltado no título. A própria dinâmica da circulação da notícia em redes sociais, muitas vezes marcada por leituras fragmentadas e incompletas do artigo, traz o risco de a informação ser tomada como certificada.

Ainda que o Portal tivesse parte do material alertado para o caráter provisório do estudo, muitas vezes falta ao leitor o conhecimento necessário para saber a diferença entre um artigo científico revisado por pares, portanto com um alto grau de confiabilidade, e outro que precisa ser avaliado dentro do processo próprio à comunicação científica.

Deter-nos-emos nos títulos, por conta da importância desses no repasse de informações em rede entre usuários. Çembrando que, não raramente, os títulos de matérias jornalísticas são aplicados a outros textos ou textos formulados sem fidelidade à produção original.

Esse modo de apropriação no universo das redes nunca foi tão comum em relação aos jornais e revistas impressos, o que mostra que o suporte físico determina também os modos de apropriação da materialidade jornalística. Há uma característica discursiva em quase todos os títulos: produzem um efeito de evidência para quem não prossegue a leitura da matéria. Mesmo o leitor mais cauteloso só poderá relativizar o que parece ser evidência se ultrapassar o título. Em muitos desses casos, no entanto, trata-se de notícias bloqueadas para não assinantes.

O efeito de evidência é próprio de qualquer formulação simbólica, em discursos tomados como verdadeiros, o que é reivindicado pelo jornalismo. Mas trata-se de um efeito

ideológico, porque apaga as condições de produção de sentido, sua historicidade e em que relações de poder se insere (ORLANDI, 2001). Aqui, é claro, o que está em jogo é a relação de sobreposição entre verdade jornalística e verdade científica.

O efeito-leitor (ORLANDI, 2001), portanto, é do leitor a ser persuadido de uma informação definitiva, de alta confiabilidade e que, de alguma forma, soa definitiva. A lógica da construção textual do jornalismo, sua ordem discursiva, impõe inclusive limites ao acréscimo de mais informações no título.

Vimos durante a pandemia que a profusão de textos assertivos sobre testes clínicos, testes diagnósticos e medidas terapêuticas, projeções epidemiológicas, propriedades virológicas, não raramente deram lugar a informações que ao leitor comum pareciam contraditórias, mas que eram apenas fruto do processo científico, marcado por avanços e refutações. O que nos exige pensar se não é necessário ao jornalismo repensar sua relação com a comunicação científica, dentro de sua própria gramática discursiva, dado esses modos novos de circulação da informação.

#### **4 Discussão do caso: Circulação, velocidade e desinformação**

Como vimos no caso acima, a circulação também passa a ter papel preponderante, em que seu trabalho como dispositivo leva a se observar que audiência ou emissão não têm mais controle absoluto sobre o que relatam. Por exemplo, notícias veiculadas em uma determinada época podem ser recolocadas em circulação, num outro momento, de forma descontextualizada.

. Isso leva a sérios problemas para a comunicação científica, ainda mais num cenário de urgência sanitária relativa a uma doença tão nova como a Covid-19, dado o processo mesmo de teses e antíteses que marcaram esse momento.

Outro problema é a notícia deturpada propositalmente e colocada em circulação para causar transtornos. Uma fala fora de contexto, não necessariamente de época, pode gerar esse tipo de situação. Outra possibilidade é a criação de informação deliberadamente falsa, com intuitos parecidos com os das outras duas maneiras já citadas, mas que não têm comprovação nenhuma. Ou seja, nesse caso, não há nada que indique que aquilo foi verdadeiro um dia ou mesmo colocado fora de contexto. Testemunhamos inúmeros exemplos de reapropriações indevidas de informações jornalísticas com fins políticos.

Por outro lado, a transformação advinda dos meios digitais de comunicação também coloca em evidência dois pontos: com a pandemia, os veículos de comunicação tradicionais

ganharam força novamente, por já terem uma credibilidade estabelecida (MARQUES, 2020) e, ao mesmo tempo, os ditos receptores passaram a ter um outro peso na relação, com sua voz sendo mais ouvida. Isso não faz com que as informações estejam menos suscetíveis de conterem erros, falsidades ou deturpações. Há também a necessidade de se perceber que, só a existência de informações disponíveis, mesmo em grandes quantidades, não garante um processo de comunicação que produza sentido aos nele envolvidos.

A produção de sentido aqui referida é muito mais da ordem de uma circulação de informações com possibilidade de uma discussão sobre elas do que somente uma passagem delas de um polo a outro como na comunicação de massa, nas figuras do emissor e do receptor. Há que se perceber o papel desses polos na comunicação em rede de uma outra maneira e na alternância de papéis, o que pode levar até mesmo à sua descaracterização como tais em alguns casos. Assim, há quem os trate como interagentes (PRIMO, 2000) ou interatores (MURRAY, 2003) ou simplesmente interlocutores, como na tradição da Análise do Discurso (ORLANDI, 2001).

A ênfase sobre a circulação faz-se necessária dado que todo o tipo de material falso ou deturpado pode ser disseminado de maneira rápida e abrangente, com efeitos dramáticos sobre a vida social, e, no caso em apreciação, sobre a saúde coletiva. Estudos mostram que notícias falsas geralmente são mais compartilhadas do que as verdadeiras (NOTÍCIAS, 2018). Isso facilita ainda mais a atuação daqueles que têm interesse em espalhar esse tipo de informação numa comunicação em rede. E, mais uma vez, esse fenômeno não está ligado somente à relação entre público e emissor, mas envolve diretamente a circulação, pois só há compartilhamento nesse âmbito.

Ou como afirmou Fausto Neto (2010, p. 63):

O conceito de circulação complexifica-se percorrendo um caminho longo, e somente o avanço das transformações dos regimes sócio-técnicos engendrados pela midiatização e suas repercussões sobre a organização social, permite compreender a saída de parte de sua problemática, de uma região invisível, para se transformar em dispositivos (com visíveis marcas) sócio-técnico-discursivos que vão reformular imensamente os processos de interação, especialmente o lugar e, o próprio conceito de recepção. A associação do conceito de circulação associado à noção de dispositivo tem a ver com as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios e de discursos, que engendram a “arquitetura comunicacional”, hoje. Os mídias não são apenas compêndios de um processo interacional, mas oferecem seus postulados e lógicas para a própria organização social.

Aqui, o que era para ser um aparato tecnológico, como um *smartphone*, por exemplo, acaba por se tornar um meio de comunicação, quando utilizado para alcançar muitas pessoas e também para postar informações ou compartilhá-las. Não é mais um aparelho para substituir um telefone fixo ou algo semelhante. Torna-se um modo de estar presente nas redes, na maioria das vezes, como um dispositivo tornado meio. As pessoas podem ter acesso como receptoras, mas também podem atuar como emissoras de informações se tiverem acesso a determinados equipamentos conectados a redes.

Numa outra linha de raciocínio, há também o que Steven Johnson (2001) pondera : a necessidade de se olhar a rede não mais como espaço de busca por conteúdos em sites específicos, mas de participação efetiva dos usuários como produtores de mensagens, informações, discursos

Por fim, nessa linha, Alex Primo (2000) traz a questão da interação como importante no processo. Nessa perspectiva, a comunicação mediada por computador é apontada como algo que traz novos desafios para o contexto geral da comunicação e mais efetivamente para aquela feita em rede.

## 5 Considerações finais

Mesmo com o trabalho das agências de checagem, que buscam dar credibilidade ao que é publicado nas redes e veículos de imprensa, há dificuldades para conter a onda de informações falsas, e o trabalho para desmenti-las é muito grande e penoso. Isso facilita muito o interesse principal daqueles que produzem informação falsa ou promovem a divulgação de material descontextualizado ou deturpado que é a sua disseminação o mais rápido e de modo mais amplo possível.

Vimos o exemplo da publicação de notícias a partir de preprints, com poucos alertas sobre o caráter provisório dessas informações, ainda que boa parte delas tenha se originado de trabalhos sérios e promissores. O problema não são as plataformas de publicação científica, em suma, mas como o jornalismo em rede as põe em circulação, e como a sociedade se apropria dessas informações.

## Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. IN: JANOTTI JR, Jerder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador/Brasília: EDUFBA/Compós, 2012. p. 31-52.

CHAPARRO, Laura. A medicina não é suficiente: por que precisamos das ciências sociais para acabar com essa pandemia? Tradução de Bruno Leal. **Café História** – História feita com clique. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/ciencias-sociais-novo-coronavirus-pandemia/>. ISSN: 2674-5917. Acesso em 22 de abril de 2020.

COLD SPRINK HARBOR LABORATORY. MedRxiv: the preprint server for health service [Internet]. New York: CSH; 2019 [cited 2019 Oct 28]. Disponível em: <https://www.medrxiv.org>

FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação... Rio de Janeiro: PUC-Rio, **Alceu** — Revista de Comunicação, Cultura e Política, v. 10, n. 20, jan./jun. 2010. p. 55-69.

FAUSTO NETO, Antonio. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação... In: XVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 18, 2009. Anais [...]. Belo Horizonte, PUC-MG, 2009. p. 1-13.

HJARVARD, Stig. Mdiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. São Paulo: USP, **Matrizes** — Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

HOY, M. Rise of the Rxivs: How Preprint Servers are Changing the Publishing Process, *Medical Reference Services Quarterly*, v. 39, v. 1, p. 84-89, fev. 2020 DOI: 10.1080/02763869.2020.1704597.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARQUES, José. TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha. **Poder**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 05 jun. 2020.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. Tradução de Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural/Unesp, 2003.

NOTÍCIAS falsas são 70% mais compartilhadas do que as verdadeiras. **Galileu**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 09 mar. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/03/noticias-falsas-sao-70-mais-compartilhadas-do-que-verdadeiras.html>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Ed. Pontes, 2001.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

SHANNON, C.; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1962.

SPINAK, E. O que é este tema dos preprints? SciELO Perspectiva [ Internet ]. 22 nov. 2016 [Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2016/11/22/o-que-e-este-tema-dos-preprints/>]. Acesso em 31 mai. 2019

VEIGA, Edison. 'Telefone sem fio': como estudos sérios acabam virando boatos de WhatsApp. *TAB*. São Paulo: **Universo Online S/A (UOL)**, 03 jun. 2020. Disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/03/ciencia-x-infodemia-como-estudos-serios-acabam-virando-boatos-de-whatsapp.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 22 jun. 2020.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. **Guerra pura: a militarização do cotidiano**. Tradução de Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

---

<sup>a</sup> Professor Associado I (DE) da Facom-UFJF, graduação e mestrado (linha Mídias e Processos Sociais). Mestre em Comunicação (UFF, 2002) e Doutor em Linguística (UNICAMP, 2007), com pós-doutorado em Ciências Sociais (EHESS, Paris, 2015). Em 2018, foi professor e pesquisador visitante nas Universidades de Toulon e São Petersburgo, com as quais mantém parcerias.

<sup>b</sup> Professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Mídia Digital, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, mídia digital, jornalismo, cinema e imagem.

### **Conflito de interesses**

Não há conflito de interesses.